

FACULDADE DE TECNOLOGIA JK
UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**SIMBIOSE E TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA:
UM DIÁLOGO COM AS ESCRITURAS SAGRADAS JUDAICAS**

CELSO EDUARDO LAGO COSTA

Brasília

2014

Celso Eduardo Lago Costa

FACULDADE DE TECNOLOGIA
UNION NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS-UNION
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ANÁLISE TRANSACIONAL

**SIMBIOSE E TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA:
UM DIÁLOGO COM AS ESCRITURAS SAGRADAS JUDAICAS**

Após 20 dias de aula de março de 2014, os alunos concluíram o curso e apresentaram o trabalho de conclusão de curso. O trabalho foi apresentado na Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientador: Prof Miriam Cibreiros

Assinatura:
Celso Eduardo Lago Costa

Assinatura: Prof Miriam Cibreiros

O presente trabalho foi elaborado e apresentado, na Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Brasília, 26 de março de 2014

Brasília

2014

Foto Celso Lago

Prof. de Metodologia Científica

Assinatura: Prof. Miriam Cibreiros

Coordenadora do Pós-Grad

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO de ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ANÁLISE TRANSACIONAL


ATA DA BANCA EXAMINADORA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO - TCC

Aos 28 dias do mês de março do ano de dois mil e quatorze, estão reunidos no auditório da Torre B do Shopping Liberty Mall, situado no SCN Quadra 02, na cidade de Brasília-DF, a orientadora do aluno examinado, Professora Mestre Miriam Cibreiros, a Professora Especialista Ede Lanir Paiva e a Professora Especialista Marília Márcia dos Santos Pereira para juntas, deliberarem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do aluno: **Celso Eduardo Lago Costa**
Título: Simbiose e transferência na relação terapêutica: um diálogo com o antigo

Na defesa do tema:

Para defesa, o aluno contará com um tempo mínimo de 20 (vinte) minutos e máximo de 30 (trinta) minutos de apresentação.

Em seguida, os integrantes da banca reunir-se-ão em separado do aluno para deliberarem sobre a menção.

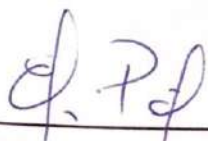
Aluno(a)	Nota	Situação Final	Ciente do(a) aluno(a)
Celso Eduardo Lago Costa	10,0	APROVADO	

OBS: Nota: $\geq 7,0$ = Aprovado

$< 7,0$ = Reprovado

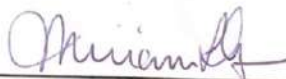
E, para surtir os efeitos legais e educacionais, eu, Professora Miriam Silva Cibreiros de Souza, Presidente da banca, lavrarei a presente ata que será abaixo por mim assinada e pelos demais integrantes da Banca Examinadora.

Brasília, 28 de março de 2014

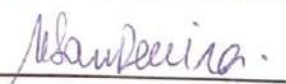


Ede Lanir Paiva

Profa de Metodologia Científica



Profa. Presidente da Banca



Profa Marília Márcia dos S. Pereira

Coordenadora da Pós- DF

RESUMO: Este artigo utiliza referências no modo de escrita antiga da *Torah*, livro sagrado dos judeus, assim como autores contemporâneos, com a pretensão de discutir comunicação inconsciente; como esta forma de comunicação está presente no desenvolvimento humano e sua manifestação em psicoterapia nas transferências e contratransferências. O artigo também sugere a possibilidade de simbiose em psicoterapia podendo ter como consequência atuações psicoterapêuticas eficazes ou nocivas.

Abstract: This article uses references in the writing mode of the ancient *Torah*, the Jewish holy book, as well as contemporary authors, intending to discuss the unconscious communications; how this form communication is present in human development and its manifestation in psychotherapy in transference and countertransference. The article also suggests possibilities of symbiosis in psychotherapy that can result in effective or harmful psychotherapeutic interventions.

Palavras-chave: *Torah*, Simbiose, Transferência, Contratransferência, Comunicação, Inconsciente.

Introdução

As relações de transferência e contratransferência existiam muito antes da teoria de Freud, Berne, Schiff, Moiso, Novellino ou qualquer outro teórico da Psicologia. Podemos dizer que antes mesmo da existência da Psicologia como ciência. Encontramos esse fenômeno consolidado no estilo da escrita e na forma como é lido o livro sagrado dos judeus, a *Torah*, mostrando que desde a antiguidade a possibilidade de mudança e conhecimento é considerada advento da comunicação inconsciente, como revela Fux (2000). Neste artigo, buscamos referências na antiguidade e em autores contemporâneos com a pretensão de discutir a necessidade da transferência numa eficaz atuação terapêutica e em que medida essa transferência pode se tornar patológica.

Os talmudistas, leitores e estudiosos da *Torah*, pregam a necessidade de uma cadeia de textos simultâneos, que só se reconhecem na presença do outro. Nesse auto reconhecimento, os textos se regeneram e se disponibilizam para uma nova leitura. A leitura se torna infinita já que todos os textos se regeneram, se modificam para um novo encontro, uma nova leitura e um novo significado. Ou seja, o sentido de cada texto não se encontra em si nem se fecha com a leitura, de fato em cada relação se regenera, se modifica para inaugurar novo encontro, como comenta Fux (2000).

Podemos inferir que essa forma de leitura do livro sagrado nos leva a considerar: “o tempo do homem hebreu é sempre devir - Eu serei o que serei.” (FUX, p. 13). A história pessoal de cada indivíduo não está acabada, não se encerra, nem é determinada previamente. Viver é modificar-se, é uma releitura permanente na presença imprescindível do outro, numa comunicação em sua maior parte inconsciente.

Berne (1985) afirma essa mesma necessidade de troca permanente com o mundo quando fala que “a capacidade da psique humana de manter Estados de Ego coerentes parece depender de um fluxo mutável de estímulos sensoriais, necessários para assegurar a integridade da neopsique e da arqueopsique” (p. 79).

Desde o início da vida as trocas com o meio determinam coerência dos Estados de Ego ou transtornos na sua estrutura. Os leitores do Talmude têm uma maneira especial de confirmar esse pensamento. Eles afirmam que a *Torah* é uma única sentença inicial que será enrolada e desenrolada no pergaminho, infinitamente. A expressão primária encontra eco no ambiente. Uma expressão instintiva que busca trocas indispensáveis com o meio e resulta na

formação dos Estados de Ego. Essa troca com o meio ambiente, essa releitura da frase inicial; a intertextualidade é base das relações humanas, possibilita encontros com intimidade e desenvolvimento ou promove patologias e cenas fixadas.

Veremos duas possibilidades: uma expressão autêntica em Intimidade, que amadurece o indivíduo para uma próxima expressão em um novo encontro renovado; ou negação dessa expressão autêntica, falta de acolhimento que não amadurece o indivíduo para outro encontro gerando cenas fixadas que tendem a se repetir inúmeras vezes, tornando a vida previsível. São essas cenas que poderão aparecer como conteúdo das relações transferenciais. Berne (1976) descreve essas influências que dominam os intercursos sociais como *Script*, e escreve que “desde que o *Script* é derivado e adaptado a partir do Protocolo, baseado em experiências primárias dos indivíduos com seus pais, estas experiências são os determinantes chefes de todas as relações e de todas as escolhas em associações” (p. 148).

Berne (1985) acrescenta ainda que o *Script*¹ se origina na relação transferencial, e que a Análise Transacional tem interesse ativo em formas de reação arcaicas, na análise de seu relacionamento com o comportamento presente. Confirma que estas reações arcaicas são atuações inconscientes e podem ser percebidas na relação transferencial. Portanto, para ele, a consequência das primeiras interações com o meio determina a sucessão de relações durante a vida do indivíduo, dinâmica que é de interesse da Análise Transacional para Análise de *Script*.

Novellino (1987) concorda que as cenas primárias, as primeiras trocas, influenciam toda a sequência de vida do indivíduo. Ele afirma que na transferência há uma repetição de cenas infantis, onde o indivíduo reedita a versão original conflituosa. Essa atuação, para ele, é uma nova versão do modo infantil de lidar com os impulsos proibidos. O resultado dessa proibição ou desse conflito primário aparece em reencenações do relacionamento simbiótico original. O indivíduo nessa dinâmica revivencia suas experiências de Disfarces² e Jogos Psicológicos³ na tentativa desesperada de resolver a Simbiose Primária.

Schiff (1986) considera que nas relações transferenciais, em algum momento, assim como em qualquer relação significativa, haverá um elemento de Simbiose. As pessoas

¹ “um programa continuado, desenvolvido no início da infância sob influência Parental que dirige o comportamento do indivíduo nos aspectos mais importantes da sua vida” (BERNE, 1988, p. 332).

² “um sentimento dentre todos os sentimentos possíveis que é posto em ação por uma dada pessoa, como o desfecho dos jogos nos quais ela se envolve” (BERNE, 1988, p. 122).

³ “um conjunto de transações ulteriores, repetitivas por natureza, com um desfecho bem definido.” (BERNE, 1988, p. 34).

envolvidas em relações íntimas, na vida cotidiana, ou na relação transferencial se comportam como se formasse entre elas uma pessoa única. O indivíduo, para essa teoria, reencena os conteúdos primários na busca da resolução da Simbiose original não elaborada.

Percebemos os conceitos de transferência e contratransferência relacionados a cenas primárias fixadas. Ocorrem proibições que interrompem o fluxo do desenvolvimento saudável e compromete a resolução da Simbiose Primária. Essa dinâmica fixa cenas primárias e influenciam o comportamento do indivíduo na sequência da vida. O indivíduo revela esse conflito na vida cotidiana com Jogos Psicológicos e Disfarces e no ambiente terapêutico serão interpretados na Análise do *Script* ou análise das transferências.

Na literatura sobre transferência e contratransferência, vários autores, como Moiso (1985), Smukler (1991) e Novellino (1987), afirmam que o inconsciente é revelado, na presença do outro, utilizando a comunicação subliminar. A mesma comunicação subliminar está presente, dentro e fora do ambiente terapêutico, nas cenas primárias fixadas ou não, e que continuará após encontros íntimos ou Jogos Psicológicos, e, também, persistirá após uma Análise de *Script* ou análise de contratransferência bem sucedida.

Portanto, quando falamos de transferência e contratransferência estamos destacando um momento, um retrato nas vidas do cliente e terapeuta envolvidos no processo. Podemos inferir que se trata do mesmo fenômeno conhecido na leitura da *Torah*, um momento de intimidade que modifica cada um dos envolvidos.

Novellino (1987) afirma que o terapeuta obtém um acesso importante ao inconsciente do paciente por meio da autoanálise de fenômenos de contratransferência, baseada em mecanismos de identificação complementar e concordante. Esse fenômeno de interpretação de sentimentos e pensamentos do terapeuta em relação à expressão de sentimentos e pensamentos do cliente, numa comunicação inconsciente reforça o entendimento de Schiff (1986), que afirma a existência de Simbiose no ambiente terapêutico. Novellino (1987) confirma que o cliente só terá acesso a alguns aspectos de si na presença do outro, no caso, na relação transferencial com o terapeuta.

Surgem questões com essas afirmações, nessa revisão exploratória, sobre a comunicação inconsciente permear as relações humanas desde o nascimento, e como essa comunicação é fruto da necessidade de trocas com o meio. Essa expressão tem vertentes; uma

que determina o desenvolvimento saudável do indivíduo para uma vida com autonomia e outra que determina fixações e cenas repetidas num desenvolvimento patológico.

Essas cenas repetidas buscam uma conclusão para a Simbiose Primária e serão as bases para Jogos Psicológicos. Elas mantêm patologias e, simultaneamente, dão elementos para Análise de *Script* ou análise de transferência, por meio da qual a relação íntima do ambiente terapêutico poderá liberar o paciente da cena primária fixada. Outra curiosidade é sobre o fato de encontros significativos e transformadores estarem descritos há séculos na escrita e leitura da *Torah*. Essa intertextualidade ou necessidade do outro para o conhecimento de si pode ser descrita como Simbiose nas relações significativas, como afirma Schiff (1986), incluindo aí as relações transferenciais.

Podemos pensar em encontros significativos - Simbiose Saudável - como uma necessidade para o desenvolvimento e as variações dessa necessidade promoverem autonomia ou dependência. Em outras palavras, encontros íntimos, guiados por comunicações inconscientes, modificam os indivíduos nas suas existências. E falhas ou bloqueios nas relações - Simbioses Patológica - causam cenas fixadas e dependência.

Torah

A *Torah* é um texto que apresenta espaçamentos entre seus símbolos para possibilitar mudanças. O leitor projeta elementos inconscientes no Texto, que “é um palimpsesto. Seu sentido é sempre outro, e sua significação é devir” (FUX, 2000, p. 122). Nesse processo, os textos são constituídos, principalmente, do que não está escrito, que não pode ser apreendido, uma percepção do momento, um insight, a cada leitura.

Nesse contexto, “ler é querer saber, conhecer o que não tem nome nem admite deciframento, o que não tem pátria nem tempo”. (FUX, 2000, p. 126) Como na relação transferencial, conteúdos do inconsciente são alcançados, promovem mudanças e não transferem controle sobre o inconsciente, onde sempre restará o inacessível.

Na *Torah* há permissão para aceitar o dito e o não-dito, aceitar duas opiniões contrárias no mesmo texto, ambas palavras de Deus. Os signos não remetem a nenhum sentido fixo, mas à diversidade. Existe permissão para acolhimento dos *impulsos proibidos* (grifo nosso), que facilita releitura livre, que modifica. “Nesta leitura a palavra *Anii, (eu)* pode ser lida também

como *aiin (nada)*.” (FUX, 2000, p. 132). Uma sentença que poetiza o vazio que só será lido na presença do outro num eterno devir.

A memória não é tomada como algo morto que resta compreender, mas é aquilo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado. Ler é reescrever, gerar uma novidade. Ler o inconsciente é admitir que haverá sempre um resto inassimilável. “Nesta percepção da Torah, o inconsciente denuncia a morte de uma verdade finalizada, estática, constituída de um pequeno número de leis simples e imutáveis.” (FUX, 2000, p. 119) E tem como seu contrário, como uma verdade morta e finalizada, “o judeu religioso, que corporificou o Texto, levando-o à categoria de ídolo, isto é, ‘deixou de lê-lo’, abandonou suas letras e acabou por cortar o fio do tecido de uma escrita sempre renovada” (FUX, 2000, p. 119).

Ler não significa repetir o que está escrito. Ler o Texto é um modo de transformação e de recriação. É um processo de elaboração onde a atividade de um pensamento não é calcular nem julgar, mas unicamente transformar.

“Segundo estudiosos do Texto Sagrado, a *Torah* seria apenas uma única e só frase, transcrita sobre um rolo de pergaminho que se enrola e desenrola a frase interminável. Como abordar um texto cuja condição se aproxima do ilegível?” (FUX, 2000, p. 131). Uma linda descrição da vida, que flui desde um primeiro encontro, criada pela necessidade de troca, de intertextualidade.

A beleza na apresentação da *Torah*, além do fato de ser o livro sagrado dos judeus, origem de Berne, Freud, Schiff entre outros autores importantes da psicologia, é a descrição poética que Ela – Torah – faz da vida sem julgamentos, a proposta de uma entrega, de autenticidade nos encontros que promovem autonomia e desenvolvimento.

Berne (1974) descreve essa dinâmica quando fala de Autonomia como a “liberação ou recuperação de três capacidades: Consciência, Espontaneidade e Intimidade” (p. 155). A pessoa consciente pode ver e sentir de uma maneira própria, e não do modo como foi obrigada. A pessoa espontânea se livrou da compulsão de expressar apenas sentimentos que aprendeu a ter. E na Intimidade vemos uma pessoa sincera, perceptiva e incorrupta vivendo no aqui e agora.

Berne também descreve Intimidade como “um relacionamento cândido, livre de Jogos, de um dar e receber livre e sem exploração” (BERNE, 1988, p. 36). Podemos, portanto, perceber a Intimidade como fonte para a renovação e desenvolvimento do indivíduo.

Transferência em Psicoterapia

Encontramos na literatura vários autores que descrevem transferência fundamentada em comunicação não verbal. Descrevem a transferência como um fenômeno que traz conteúdos arcaicos para o presente, como Shmukler (1991), Berne (1985) e Novellino (1985).

Berne (1985) escreve que “o *Script* pertence ao âmbito dos fenômenos de transferência, isto é, origina-se neste e está intimamente relacionado ao conceito de Neurose de Transferência” (p. 109), e completa afirmando que o Protocolo⁴ é uma conclusão insatisfatória dos primeiros anos de vida. O Protocolo precede o complexo de Édipo, é uma visão arcaica do próprio complexo de Édipo e nos anos subsequentes é reprimido. O *Script* é uma derivação pré-consciente deste Protocolo e será ajustado de acordo com as realidades possíveis de cada indivíduo. Confirma com isso um interesse da Análise Transacional nas formas de reação arcaicas e na análise de seu relacionamento com o comportamento presente.

Novellino (1987) coloca que o terapeuta tem acesso importante ao inconsciente do paciente através da autoanálise de fenômenos de contratransferência, baseado em mecanismos de identificação tais como identificação complementar e concordante.

Segundo a literatura, agora com a Clarkson (1991), a transferência ocorre sempre que as emoções, perspectivas ou reações baseiam-se nas experiências passadas ao invés de se basearem no aqui-e-agora. É aquele padrão de relacionamento que as pessoas carregam consigo, de situação para situação.

Na sequência de autores com conteúdos semelhantes, Schiff (1986) descreve Jogos Psicológicos como reencenações de cenas primárias. Ela afirma que neste fenômeno ocorre Simbiose, assim como em outros encontros íntimos. Nesses encontros dois ou mais indivíduos se comportam como se formassem uma única pessoa. Acrescenta que a Simbiose geralmente é considerada patológica e lembra que as relações significativas também têm seus componentes de Simbiose.

Novellino (1985) acrescenta que,

em qualquer relacionamento terapêutico, a necessidade infantil não satisfeita será projetada no terapeuta que será experimentada pelo paciente como uma fonte de possível satisfação da necessidade (polo positivo da transferência)

⁴ “A experiência dramática inicial sobre a qual o *Script* é baseado” (BERNE, 1988, p. 446).

bem como da sua frustração (polo negativo de transferência). Em ambos os casos a transferência será caracterizada pela presença simultânea de ambos os polos (p. 204).

Uma complementação a isso é dada por Gebo (1979), propondo que o objetivo do processo psicoterapêutico deve ser a conclusão do processo de desenvolvimento incompleto.

Complementando este entendimento da busca de conclusão de processos incompletos, das lacunas no desenvolvimento, Shmukler (1991) afirma que:

o inconsciente procura repetir a idade onde precisa ser feito um reparo, e o paciente procura um pai adequado a fim de catectar ou reestabelecer a resposta parental original, e a transferência é o padrão antecipatório do relacionamento que o indivíduo procura para replicar com outros significativos, a despeito das qualidades individuais únicas dos outros vivenciadas naquele momento. A transferência é aquele padrão de relacionamento que as pessoas carregam consigo de situação para situação (p. 128).

Winnicott (1988) chega a afirmar que a transferência envolve lacunas na relação primária com as figuras parentais, onde o analista terá que desempenhar parte do papel da mãe na infância do paciente. Isso significa dar apoio, permanecendo orientado para a realidade externa enquanto imerge com o paciente. Para ele, o paciente fica, em determinado momento do processo, altamente dependente, mesmo que haja uma parte saudável da personalidade que atue como aliada do analista. De fato, esta parte diz como o analista deve comportar-se.

Encontramos paralelo na Análise Transacional em processos de psicoterapia com propósito de desenvolver um Estado de Ego Pai que foi pouco catexiado no desenvolvimento do indivíduo. Schiff (1975) aprofunda este conceito e desenvolve uma escola de tratamento para psicótico e outros transtornos severos chamada de Reparentalização.

A beleza no processo psicoterapêutico é ser convidado a participar do que há de mais intenso nas dinâmicas do inconsciente do paciente, pois ambos, paciente e psicoterapeuta, precisam de uma resolução diferente da cena que se apresenta. Por causa da segurança e proximidade, permitem-se apresentar conteúdos mais profundos das suas dinâmicas internas. A transferência se desenvolve como uma resposta inevitável ao clima íntimo, seguro e protegido desenvolvido no contexto psicoterápico.

Novellino (1984), desenvolve o conceito colocando que as intervenções do terapeuta, na sua contratransferência, serão permissoras, permitindo à Criança do paciente ter fantasias,

liberar o conteúdo negado, ou proibido, desobrigando-a do peso de "Não Sentir" ou "Não Pensar" algo. O terapeuta poderá entender este fenômeno e utilizar isso a serviço da terapia.

No processo psicoterapêutico, o terapeuta analisa sua contratransferência negativa, enquanto mantém uma positiva ajudando o paciente a redescobrir uma transferência positiva por debaixo daquela negativa, permite a expressão dos sentimentos negados, possibilitando a elaboração do conteúdo; e assim provocando libertação da cena primária fixada.

Falamos até agora de transferências produtivas. No entanto, ocorre, também, na relação transferencial do terapeuta reprimir o material de contratransferência emergente, e sua repressão causar contra-resistência inevitável que ameaçará a base da aliança terapêutica. Novellino (1984) descreve este fenômeno "como um relacionamento que surge de um tipo de diálogo entre surdos-mudos, à medida que o terapeuta, reprimindo sua própria contratransferência, bloqueia-se para não ler os sinais do paciente que estimularam a própria contratransferência" (p. 64).

Langs (1974) chegou a descrever a existência de uma relação narcisista do terapeuta e que, por trás de cada erro clínico, existe um problema de contratransferência. Afirma que o profissional de psicoterapia entende o significado do inconsciente e ao negar sua dificuldade básica, emparelha, lado a lado com o desejo de curar, uma tendência de não curar.

As reações do paciente procurando se defender dos efeitos nocivos dessa relação, na contra resistência do terapeuta, são bem apontadas por Novellino (1984). Ele afirma que durante este processo, o paciente, para se proteger da agressividade ou sedução do terapeuta, simula com a Criança Adaptada uma cura e muda sem nenhuma reestruturação interior básica.

Buscamos argumentos para dialogar com um texto antigo e sagrado, o qual associamos a textos de diferentes autores contemporâneos da Análise Transacional e de outras áreas da Psicologia, para contribuir com as discussões sobre a relação do psicoterapeuta com o cliente.

Considerações Finais

Por uma necessidade de sobrevivência buscamos de forma inconsciente, desde o primeiro encontro, trocas com o meio ambiente. Os encontros decorrentes podem ter resoluções

saudáveis promovendo autonomia, ou podem resultar em proibições da expressão autêntica estabelecendo fixações e dependências.

Com as proibições, a vida torna-se previsível. As proibições determinam a sequência dos acontecimentos na vida do indivíduo em seus principais aspectos, até o final. O sujeito passa a repetir cenas do passado, comportamento fenomenológico dos conteúdos dos Estados de Ego, em sequências de condutas que chamamos de Jogos Psicológicos, cumprindo com isso seu *Script*.

Os talmudistas relatam este fenômeno como o judeu religioso que se apega e sacraliza o texto, e ao sacralizá-lo, impede seu livre fluxo. A análise nesse contexto busca a libertação do texto, sua dessacralização; ou, a elaboração do conteúdo dos Estados de Ego, a descontaminação do Estado de Ego Adulto na Análise Transacional. Em ambos os casos, reestabelecemos a cada encontro um ser humano livre de manipulações, autônomo, capaz de se relacionar em Intimidade.

A comunicação inconsciente abre possibilidade para cumprir o *Script* reforçando patologias e simultaneamente oferece oportunidades para mudanças e alterações do *Script* de vida ao dar sinais inconscientes das cenas em que a pessoa ficou fixada.

A repetição de cenas arcaicas com elementos presentes torna-se o mecanismo inconsciente na busca de modificar cenas fixadas. Esse seria o processo inconsciente de revelar o conteúdo inacabado para uma nova interpretação. Na terapia chamamos de análise de transferência, uma dinâmica que envolve o inconsciente do cliente e do terapeuta.

As relações transferenciais, semelhantes ao espaçamento entre os símbolos da *Torah*, permitem a livre expressão sem proibir conteúdo algum. Com consentimento da manifestação de impulsos anteriormente proibidos, o ambiente íntimo produz mudanças libertando as cenas fixadas.

A análise de transferência também reconhece que ao final de uma terapia cliente e terapeuta seguem com seu trabalho, sem fim, de interpretação de suas histórias após a separação. Na leitura da *Torah* o fenômeno é descrito como renovações do texto e revelações que não fixam, nem tomam posse, pois sempre restará o inacessível.

De fato, não podemos domar a natureza, nem a construção do *self*, não podemos nos decifrar por completo, somos um eterno devir, uma redescoberta nos encontros que promovem

releituras e mudanças indefinidamente. Esta é a maior descoberta no processo de libertação das cenas fixadas.

Resta ainda a possibilidade do erro clínico. O psicoterapeuta pode negar conteúdos de contratransferência numa relação narcisista com o paciente. No caso, o psicoterapeuta nega sua dificuldade básica e na relação com o paciente emparelha o desejo de cura com uma tendência de não curar. Como consequência, o paciente procura se defender dos efeitos nocivos da sedução ou agressividade do psicoterapeuta.

Portanto, a comunicação inconsciente permeia toda a existência humana, desde o nascimento. Quando é desinibida, entregue, acolhedora, conduz à resolução dos encontros e os envolvidos se enriquecem para novos encontros. No entanto, também ocorre negação de expressões autênticas, medos de entrega e busca de controle. Em consequência, os sujeitos fixam cenas e inibem seu desenvolvimento autônomo, tornando suas vidas previsíveis e repetitivas. Essa dinâmica inconsciente, quando deslocada para o consultório psicoterapêutico, será trabalhada na análise de transferência, inaugurando nova oportunidade para resolução da cena fixada, no caso de análise eficaz. Caso o psicoterapeuta negue materiais da sua contratransferência, com sua sedução ou agressividade, a relação transferencial, ao contrário, prejudica o cliente confirmando proibições e fixações, induzindo a mudanças sem elaboração.

Pelo fato da relação transferencial ser inevitável no ambiente psicoterapêutico acolhedor, e o ambiente propício para mudanças depender da presença do cliente e do terapeuta, numa comunicação inconsciente íntima, podemos considerar que a relação transferencial envolve algum nível de Simbiose.

Refletindo sobre essas questões observamos que todo este material já existia muito antes da psicologia ser uma ciência. As relações humanas precedem os estudos da relação humana e sua sistematização. As comunicações inconscientes extrapolam o que pode ser contido no papel. Como na *Torah*, uma única frase que se enrola e desenrola no Palimpsesto, uma leitura que se renova infinitamente.

Bibliografia

- BERNE, Eric. Análise transacional em psicoterapia. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Beyond games and scripts. New York: Grove Press, 1976.
- _____. O que você diz depois de dizer olá?: A psicologia do destino. São Paulo: Nobel, 1988.
- _____. Os jogos da vida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Artenova s.a, 1974.
- CLARKSON, Petruska. Through the looking glass: Explorations in transference and countertransference. Transactional Analysis Journal. California: V 21, nº 2, april 1991.
- FUX, Betty B. Freud e a judeidade: A vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GEDO, John. Beyond Interpretation. New York: International Universities Press, 1979.
- LANGS, Robert. The technique of psychoanalytic psychotherapy. New York: Jason Aronson, 1974.
- MOISO, Carlos. Ego states and transference. Transactional Analysis Journal. California: V 15 nº 3, july 1985.
- NOVELLINO, Michele. Redecision analysis of transference: The unconscious dimension. Transactional Analysis Journal. California: V 17 n 1, january 1987.
- _____. Redecision analysis of transference: A TA approach to transference neuroses. Transactional Analysis Journal. California: V 15 n 3, july 1985.
- _____. Self-analysis of countertransference in integrative transactional analysis. Transactional Analysis Journal. California: V 14 n 1, january 1984.
- SCHIFF, Jacqui. Cathexis reader: Transactional analysis treatment of psychosis. New York: Harper & Row, 1975.
- SHMUKLER, Diana. Transference and transactions: perspective from developmental theory, object relation, and transformational processes. Transactional Analysis Journal. California: V 21, Nº 3, july 1991.
- WINNICOTT, Donald. Transference. In BB. Wolstein Essential papers on contertransference. New York: International University Press, 1988.